

Reimaginar

Reimagine

 Virna Bemvenuto 1^A

^A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Correspondência: bemvenutovirna@gmail.com

Resumo

Experimento verbo-visual a partir de imagens que mobilizaram o pensamento poético da pesquisa de mestrado *Reimaginar ruínas: (de)formações poeticopedagógicas* (UNIRIO/PPGEdu). Pedacos e paisagens de escola, baba docente, texto-têxtil, que convidam a olhar com a potência proliferadora de um pensar por imagens, para além das margens da razão (Antônio, 2009). Aqui, a noção de pensamento poético opera como umidade necessária para o amolecimento das práticas desvitalizantes, que nos arruinam cotidianamente nos ambientes escolares e para proliferação dos movimentos engendrados de vida que podem fazer da escola um lugar de criação. Toma-se a cartografia como metodologia que acolhe os processos de subjetivação da pesquisadora, conjugando as travessias entre a artista e a professora, compreendendo o corpo como lugar habitado.

Palavras-chave: ruína; corpo; escola; processos de criação; arte contemporânea

Abstract

Verbal-visual experiment based on images that mobilized the poetic thought of the master's research *Reimagining ruins: poetic-pedagogical (de)formations*. Pieces and landscapes of school, teacher's drool, text-textile, which invite us to look with the proliferating power of thinking through images, beyond the margins of reason (Antônio, 2009). Here, the notion of poetic thought operates as necessary moisture for the softening of devitalizing practices, which ruin us daily in school environments, and for the proliferation of engendered life movements that can make school a place of creation. Cartography is taken as a methodology that embraces the researcher's subjectivation processes, combining the crossings between the artist and the teacher, understanding the body as an inhabited place

Keywords: ruin; body; school; creation processes; contemporary art



Suspensões

Só existe saber na invenção
Paulo Freire

Suspendia o tempo elevando as pedras. Com os braços esticados entre o céu e a terra, fazia flutuar pequenos pedaços de escola. Com os pés sobre a escada, amarrava as deformações com fino fio transparente.

Figura 1: Pedação de Escola



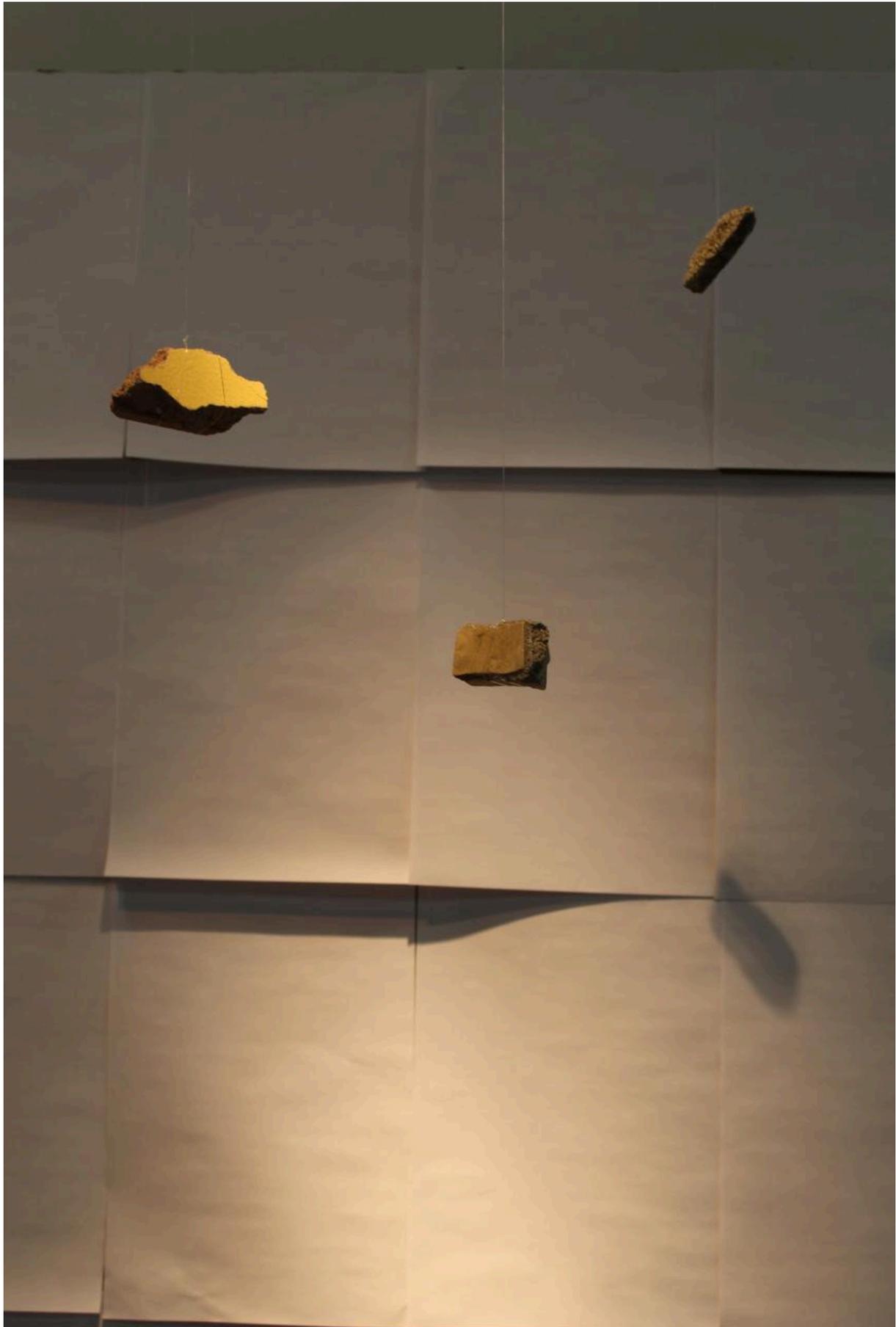
Fonte: Virna Bemvenuto. Acervo da artista

Coleção: Pedações de Escola coletados entre 2021 e 2024

*Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 10, N.3 - pág. 75-117 set. - dez. de 2024:
“Pensamento Poético: Epistemologias, Metodologias e Narrativas Artísticas na Pesquisa e no Ensino” –
DOI: 10.12957/riae.2024.88412*

Os pedaços pendem sobre nossas cabeças. A paisagem convida a olhar as pequenas porções de mundo, a matéria como imensidão cósmica, ao alcance das mãos.

Figura 2 : Pedacos de Escola



Fonte: Virna Bemvenuto. Acervo da artista
Coleção: Pedacos de Escola coletados entre 2021 e 2024

Henri Focillon, em “O elogio da mão” (1934), nos diz que tomando em nossas mãos as sobras do mundo podemos inventar um novo mundo que é todo nosso; segundo ele “a arte começa pela transmutação e continua pela metamorfose” (Focillon, 2012, p. 18).

Como artista-pesquisadora-professora, tomo em minhas mãos algumas sobras do mundo, os pedaços de escola. E me pergunto:

quando as ruínas de um sistema fraturado tanto se evidenciam,
que outras formações nos são possíveis a partir das
deformações
enunciadas?

Aberturas

Figura 3 : Paisagem de escola: buraco (2024)



Fonte: Virna Bemvenuto. Acervo da artista. Fotografia

Figura 4 : Paisagem de escola: desmonte (2024)



Fonte: Virna Bemvenuto. Acervo da artista. Fotografia

Figura 5 : Notação de aula (2023)

Fonte: Virna Bemvenuto. Acervo da artista

Diogo:

“ - Olha no que se transformou o pedaço de escola!
Se transformou numa criança.”

Que criança é essa?

“ - É um menino que brinca de bola e brinca de desenhar”

“ - A pedra se transformou em todas essas pessoas” pedra se transformando

Joaquim: “ - Eu me lembro desse chão!
É o chão do Fundão!”

“Minha casa é feita de retângulo”

Dante: “Minha pedra se transformou no homem aranha misturado”

Diogo

me

abraçou

e disse: “- Ô Virna, sua pedra pode se transformar em água”

Disseram as crianças ao tomarem nas mãos um pedaço de escola.

Imediatamente tive a súbita sensação de estar alargando a escola,
esticando-a para além de si mesma,
por ruas e ruas,
faixas,
postos de gasolina,
farmácias,
supermercados.

Uma escola expandida que agora se desenha no traçado dos passos que desarticulam fronteiras com pés firmes e ágeis, do Pantanal a Gramacho, à Central do Brasil, à Santa Teresa.

No embate corpo-matéria, no ato performativo de carregar a ruína, deparo-me com seu peso, volume, forma, textura em contato com a temperatura, o suor do corpo.

Compreendi:

o campo é o corpo. O corpo é o lugar onde a pesquisa acontece.

Figura 6 : O corpo é o campo (2024)

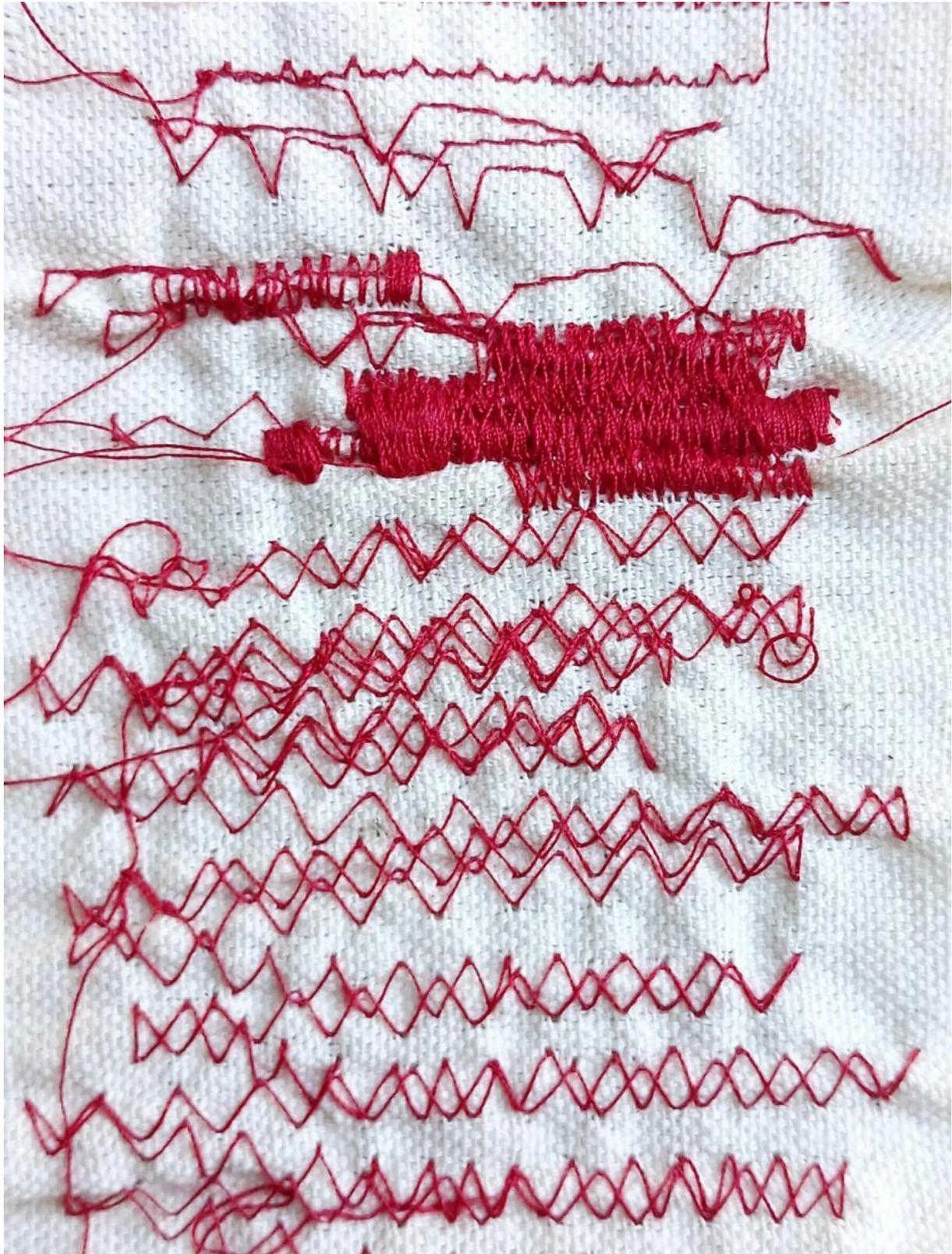


Fonte: Acervo da artista. Fotoperformance com Pedacos de Escola. Virna Bemvenuto
Trajando o trabalho *Vista a camisa* (2021), da artista Julia Luz Saldanha.

Já não tomava o peso sobre os ombros.
Derramara a escola a teus pés,
para você, agora mesmo, fluir a vida em sua boca,
encontrar a língua nascente da própria saliva.

Na boca de professora também se germina. A boca pode ser buraco de germinar palavras.

Figura 7 : Voz (2022)



Fonte: Virna Bemvenuto. Acervo da artista. Costura. Texto escrito à máquina de costura em pano de algodão cru.

Figura 8 : Baba Docente (2023-2024)



Baba docente, 2023

Ação de coleta de baba
de professores

Fonte: Virna Bemvenuto. Acervo da artista. Frascos com coletas de saliva de professores, durante a ação performativa *Conversa Fiada*.

Como circulamos no interior-entre-sobre-sob-em cima das estruturas? Como a saliva umedece nossas práticas de vida, arte, educação desde o corpo? O que a baba torna visível?

Uma presença performativa a
escorrer,
deslocar,
suspender,
deslizar,
ampliar,
esticar,
encharcar,
tocar,
mover,
articular,
tramar,
babar:

ações disparadoras para invenção de espaços moles

Babar é decompor certezas. Desintegrar a rigidez das formas, sorvê-las e dissolvê-las pela ação úmida e mole da saliva.

Habitar por invenção implica babar, encharcar de corpo e permitir-se escorrer, enquanto gesto performativo e, nas palavras de Eleonora Fabião (2013, p. 5), de resistência “[...] ao torpor da aderência e do pertencimento passivos”, mas aderindo “[...] ao contexto material, social, político e histórico para a articulação de suas iniciativas performativas” (Ibid.), fazendo do habitar por invenção um pertencer performativo que é “[...] ato tríplice: de mapeamento, de negociação e de reinvenção através do corpo-em-experiência” (Fabião, 2013, p. 5).

Tensiona-se a dialética do mole e do duro. Dialética que rege as imagens que fazemos da matéria íntima das coisas, por meio da qual aprendemos a existência dinâmica do mundo resistente e, também, a pluralidade dos devires (Bachelard, 2019).

Figuras 9, 10 e 11: Educação pelo barro (2024)







Fonte: Virna Bemvenuto. Acervo da artista. Escultura. Cadeiras de barro, água, recipiente de vidro sobre madeira

Umidade e proliferação

Figuras 12 e 13: Paisagem de escola (2023)





Fonte: Virna Bemvenuto. Acervo da artista. Díptico fotográfico

Chego à sala de aula às 18h de quinta-feira.
A oculta colônia de proliferações fúngicas foi acidentalmente revelada
entre a parede e o quadro branco que desabou na sala de aula.
A queda do quadro deu a ver uma vida emergente e sobrevivente
que se inscrevia com traçado rizomático,
com circulação própria.
Uma aparição que me toma o corpo,
uma paisagem de escola.

A antropóloga Anna Tsing (2022), que nos convida a pensar a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo, nos lança a questão: “E se, como sugiro, a precariedade for a condição dominante do nosso tempo? [...] se o momento se tornou propício para percebermos a precariedade?” (p. 64). A autora nos convoca a pensar na precariedade como centro da sistematicidade que buscamos e também nossa condição:

A precariedade é a condição de estarmos vulneráveis aos outros. Os encontros imprevisíveis nos transformam; não estamos no controle, nem de nós mesmos. Incapazes de contar com uma estrutura estável de comunidade, somos jogados em agenciamentos instáveis, que nos refazem e também transformam nossos outros. [...] tudo está em fluxo, incluindo nossa capacidade de sobreviver. Pensar a partir da precariedade muda a análise social. Um mundo precário é um mundo sem teleologia. A indeterminação - a natureza não planejada do tempo - é assustadora, mas pensar a partir da precariedade evidencia que a indeterminação também torna a vida possível (Tsing, 2022, p. 64).

Desde o encontro com os micélios fúngicos em uma escola pública precarizada, tramo uma aposta no pensamento poético como potência micelial. O micélio é a parte vegetativa dos fungos, aquele que carrega os nutrientes até onde o fungo necessita para gerar processos de decomposição e transformação de morte em vida.

Considerando o pensamento poético em sua qualidade úmida e proliferadora de modos de perceber e sentir, força possível de atuar sobre circunstâncias condicionantes da precariedade, traçando linhas de fuga (Deleuze; Guattari, 1996) por meio das quais desvia, resiste e insiste umedecendo a dureza e apostando no espaço educativo como “[...] tempo de possibilidade, não de determinação” (Freire, 2019, p. 75).

Penso com a umidade nutridora no vão escuro entre a parede e o quadro, que a força criadora resiste úmida pela possibilidade de amolecimento e proliferação. Amolecimento das coisas, das durezas que entram na boca e que nos roubam a voz. Proliferação dos movimentos engendrados de vida que se alastram sobre as superfícies do mundo, vigorosa e silenciosamente, tornando-se aparição cada vez que desconfiamos da hegemonia da racionalidade, da rigidez do cotidiano nos sistemas de dominação.

Uma rebelião silenciosa que se prolifera no vão despercebido entre a parede e o quadro, como estratégia úmida de vigorar sem temor e sustentar a vida que insiste.

Referências

ANTÔNIO, S. Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes. São Paulo: Paulus, 2009.

BACHELARD, G. Terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia, v. 1. São Paulo: Editora 34, 2011

DIDI-HUBERMAN, G. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

FABIÃO, E. Programa Performativo: o corpo-em-experiência. Revista do LUME. UNICAMP, nº 4, dez. 2013

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 60 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOCILLON, H. Elogio da mão (livro eletrônico). Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

TSING, A. O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. n-1 edições, 2022.